

Vida artistica pari- siense

A proposito da morte do pintor Manoel Jardim

Antes de Paul Fort, *le prince des poètes et le roi des souscouples*, como lhe chamou um espirituoso qualquer, ir fundar na «Closerie des Lilas» o seu principado com recepção magna ás terças-feiras, vinha elle, omnipotente e fadistão, caracoes negros pelas ventas abaixo, prégar ao «Café de la Rotonde» o seu crédo em poesia renovadora e refrescar a musa na cerveja loira, que nesse tempo, *hélas!*, não tinha ainda o enxerto da falsificação e apenas custava um palaco o copo. Lembro-me de o ver algumas vezes cavaquear do alto do seu throno com o contista Henryner e com uma matronaça que me disseram ser a viuva de Catulle Mendes.

Foi numa dessas noites, numa humilde mesa desse humilde Café, que conheci o saudoso e saudavel Amadeo Cardoso, o artista mais *avancado* que Portugal possuiu, o cubista que andou pelo lumiar do futurismo, a quem todos nós, os novos, devemos a consagração que elle merece, que é a divulgação da sua obra rara, viril, sincera e desconexa, formidavel como esforço dum atrevido no meio de laméchas gá-gás, pintorecos de compendio, fabricantes de *pudings* a oleo para o paladar dos caquéticos que só os lambem, caligrafos habilidosos com retratos nos jornaes e medalhas nas exposições.

Foi nesse Café que mais tarde, com Armando de Basto, Antonio d'Azevedo e José d'Andrada, vivendo de *béguins* e emborcando cafés, miramos e aplaudimos o malogrado Modigliani, o boémio requintado que o tempo consagrou, nesse cafesito já célebre onde Appolinaire e Picasso fun-

daram as theorias cubistas de que Derain havia dado o lamiré, e onde pela vez primeira ouvi falar de Cessane, o monge de Aix, ao critico Salomon que era vizinho meu, para os lados de Luxembourg.

Foi perto desse botequim que um dia vi o Ruy Coelho de chapéu alto, a célebre cartola de Theofilo Braga, a gesticular com Santa-Ritta, que nessa altura se cobria com um barrete escuro, justo ao craneo e a tapar-lhe as orelhas, meio mitra meio carapuço, que o seu dono dizia aos modelitos ter herdado do seu tio-bisavô, Luiz XI, rei de França.

Foi nesse canto de Montparnasse que vi desfilar em bicha mil pessoas amigas, que hoje recordo com saudades: — O Ferraz, architecto de valor que a morte levou durante a guerra, sempre vestido de lucto, chapéu de abas largas, colarinhos altos e gravata roxa, a dizer madrigaes e a rir; o Carlos Franco, pequenino e pobre, *cache-col*, *brule-guente* apagado, a galgar todas as noites até Montmartre, a pé, 'té que guerra veio e o levou como voluntario para o *front...* para a morte; o José Pacheco, ainda sem K, janota, estheta e delicado; o Aquilino Ribeiro, beirão de enorme talento com resaios de revolucionario desiludido, a mudar de bairro em bairro, para viver todo o Paris; o Smith, fadistinha trocista com saudades do Chiado; o Migueis sempre triste e sempre a olhar para os pés; o Saude, discreto e nédio, a contar anedoctas: o Rodrigues Pereira a romantisar uma Magdalena qualquer; o Manoel Bentes, pintor desiludido, com typo de padre protestante; os dois irmãos Francos, o Henrique, sereno e serio e seráfico e o Francisco, dogmatico e bigodeiro a pontificar sobre Rod!n; o Padre Mariotte, cercado de medicos que iam á «Source» do *Boul-Mich.* beber a sabedoria e o *café nature*; o Ferreira da Costa, decano dos novos, gordinho e com aneis de brilhantes, a fazer viajatas á Belgica; o Luiz Burnay, o Vianna, o indio Colin, o Rebello, o Chico Ficalho, e tantos, tantos outros desse Paris morto, todos cheios de sonhos e mocidade, todos do meu Paris, do meu passado...

Parece ha um século e foi hontem... Paris *d'avant guerre!*

Cerca desse cruzamento de bulevares e ruas, conheci eu Manoel Jardim em 1913. Até essa hora apenas lhe conhecia a fama de bom pintor, a nomeada de cavalheiresco palavrante. Depois que elle expusera no *Salon* o seu grande quadro, inspirado directamente de Manet, dum impressionismo defenido, patinado de sombra e de desenho quasi apurado, logo a *blague* dos colegas e a lenda dos admiradores começaram a aureolar-lhe o nôme, intimidando assim os novatos a que se aproximassem da sua pessoa. Santa-Ritta, de quem fôra leal camarada, envenenara-lhe a gloriola com dois dictos ironicos que os invejosos retiveram sem esforço. Manoel Jardim continuou a sua rota sem reparar nos vizinhos que, sentados na soleira das portas, comentavam o novo arauto da escola divisionista. D. Quichote no phisico e no lyrismo, promettia derrubar os moinhos do academismo e pugnar pela honra da Arte, donzela que os *botas-de-elastico* viciosos tentavam levar para mau caminho. Só, sem as muletas louva-minhas dos arrivistas, a sua passada larga e vigorosa foi se firmando bem á terra. A pouco e pouco, porque Manoel Jardim tudo fez a pouco e pouco, foi-se impressionando pela côr, foi-se apaixonando pelo sol, e dessa saude d'alma e d'olhos, ficou a attesta-lo uma cabeça, de salaia e algumas *pochades* que os amigos guardam com carinho. Aquilino Ribeiro foi o seu melhor e mais velho amigo. Foi-o em Paris e foi-o em Lisboa. Foi-o no seu debutar e foi-o no seu findar. Só Aquilino poderá dizer quem foi Manoel Jardim. Foi seu colaborador de um dia, seu companheiro de muitos anos e seu amigo de sempre.

Foi este escriptor quem me apresentou o malogrado Artista, no meu ateliê da rua Bara. Alto, ossudo, quebradiço, falando sempre atravez de um sorriso doente, ironisando com timidez, tinha seu quê de professor em férias, ziguezagueando o seu espirito sobre pintura, sobre nobliarchias, sobre tradiçções, pisando as afirmativas com cuidado, levemente, como fakir sobre punhaes, com a consciencia de quem ainda não cumpriu todo o seu dever, ainda que contente com o já cumprido. Sentado no *divan* vejo-o ainda com as pernas entrelaçadas como vide em

torno de esteio, as mãos longas e expressivas, o peito cavado, a boca semi-aberta, os olhos a dizer, todo esguio, todo ossudo, todo vivo, nervoso, indolente, com falhas na voz, com falhas no talento, com falhas no bater do coração... Assim o vi sempre até á hora em que de Paris partiu bastante doente, imenso cahido, mas cheio de ideaes, cheio de promessas, cheio de esperanças. A tuberculose foi-o arruinando; hoje o peito, amanhã a força, depois a vontade e por ultimo a vida. Tinha theorias incompletas e desenhos inacabados. Picasso interessara-o, mas Ingres dominava-o mais. Certo de que sabia pintar, resolveu, ainda que tardiamente, causticar o pulso com o dominio da linha, do desenho que os impressionistas negligenciaram. Durante este periodo ultimo de Paris, como que vivendo já dum passado, abandonára as côres e trabalhava o lapis como um principio de fim. O resultado interessava-lhe secundariamente; á maneira chinesa gosava os efeitos para chegar a esse resultado. A técnica, a descoberta de processos, o estylo, era o *puzzle* deliciante dos seus dias. Procurava papeis raros, crayons desconhecidos, traços inéditos, e assim, dizia elle, apurava a beleza que falhara á sua arte de então. Já o retrato de sua mulher, executado ha annos em Coimbra, era a aristocratização duma technica e o requinte dum desenho, afidalgado e sóbrio, original e futil.

A sua pintura, e muita não é infelizmente, demasiado fo criticada e nunca assaz comprehendida. Se-lo-ha amanhã quando a sombra esguia do Artista deixar de perturbar a retina myope dalguns vivos que se contentam em pinturillar insignificantes detalhes da natureza, á falta de vista larga que abranja em synthese esta maravilhosa paisagem com que Deus nos agraciou. Os seus desenhos, e poucos são tambem, sem contorcionados nem movimentos nervosos, merecem ser coleccionados em album para ficarem como lição aos moços que esgravatam poses desequilibradas, pois no seu estatismo de expressão, na sua puresa de jogo raciocinado, são como que marcos justos da epocha do ingrismo que em França deu a primeira marretada no desnorteamento abolchevicado em que a pintura moderna se contorcionava, tal qual Laccoonte martirisado pelas serpentes.

Manoel Jardim, com seus vagares característicos, foi um dos arrojados que ajudou a desatar os nós dos pulsos da pintura para que ella os manejasse em liberdade a dentro do racionalismo sem convenções.

Na minha frente tenho a fotografia do busto que Francisco Franco lhe fez ha tempos... Parece-me que no seu sorriso um pouco á Eça, elle me fala dos seus amigos, da sua arte, dos seus antepassados... Toda a sua vida viveu para elles.

Foi um decadente de sentimentalismo lusitano. Teve desalentos na sua terra e arrojou em Paris. Ainda ha muita gente que lhe não pode perdoar o elle ter *vivido*... Outros recordam-no em saudade e como que inconscientemente vão procura-lo aos cafés, buracos onde elle pontificava com doçura e onde se lhe ia estiolando o *eu*. Alto como a haste dum crysanthemo, a pouco e pouco, sempre a pouco e pouco em tudo, foi-se curvando, curvando para a terra, até que tombou. As pétalas do seu talento dispersaram-se com o vento da morte pelas colecções d'alguns amigos, pelas memorias de todos nós. Delle guardo o seu melhor desenho, um auto-retrato, e a recordação duma leal camaradagem, que com orgulho arrastavamos pelos bulevares de Paris, como espada victoriosa que se comprazia na musica do seu telintar ao tocar nas lages dos passeios.

Pobre e querido Manoel Jardim!...

Nobre de familia e de valor, viveste e morreste pobre pelo amor á tua Arte e á tua independencia!... Que aquelles que te accusaram de imitador em arte, pudessem sequer plagiar-te a firmeza de character. A ti e a Armando de Basto, esse outro que Deus quiz que no mesmo dia fosse contigo para o *Alem*!...

Como a vossa lialissima amisade de tantos annos, pejdinhos de sonhos e alegria, ao abandonar-me para sempre, me deixou para sempre tambem este horrivel e consolador sofrimento a que chamamos Saudade!...

A torturante e deliciosa presença da Auzencia...

Paris, 1923.

Diogo de Macedo.

13